



ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ÁREAS DIALETAIS: O QUE HÁ NO CÉU DOS FALARES *BAIANO, AMAZÔNICO E FLUMINENSE?*

Leandro Almeida dos Santos (FAMA/UNIRB)¹
santosleo1811@gmail.com

RESUMO: Neste artigo são apresentados alguns aspectos sobre delimitação de áreas dialetais. Deste modo, este trabalho investiga as respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB - para a questão 158 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, “Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34). A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos teóricos acerca do tema em questão; b) formação do corpus; e c) análise do corpus, objetivando identificar as variações diatópicas, a partir do cotejo com estudos semelhantes, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Santos (2016), os quais se utilizaram dos dados do ALiB, em especial, o campo semântico dos jogos e diversões infantis, no intuito de testar, hoje, com base em dados empíricos, a divisão dialetal brasileira, datada de 1953. As análises buscam identificar os itens encontrados nas elocuições dos informantes e verificar o que essas escolhas revelam, com vistas a apurar a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes (1953). Vale ressaltar a contribuição do trabalho, catalogar a diversidade lexical da língua falada no país, em busca de oferecer, se possível, um traçado atual dos limites dos falares brasileiros, embora seja uma tarefa árdua, mas que vem sendo perseguida pelos dialetólogos do país.

PALAVRAS-CHAVE: áreas dialetais; jogos e brincadeiras; léxico.

ABSTRACT: This article presents some aspects on delimitation of dialectal areas. Thus, this work investigates the responses of informants Linguistic Atlas of Brazil - ALiB - to question 158 of Semantic-Lexical Questionnaire ALiB, "What's the name of the toy made of paper-covered rods that plunges into the wind through a line?" (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34). The methodology used was marked: a) reading of theoretical texts on the subject in question; b) formation of the corpus; c) corpus analysis in order to identify the diatopic variation from the comparison with similar studies, namely: Ribeiro (2012), Portillo (2013) and Santos (2016), which are used for Alib data, in particular, the semantic field of games and children's entertainment, in order to test today, based on empirical data, the Brazilian dialectal division, dated 1953. The analysis sought to identify the items found in the informants' utterances and see what these choices reveal in order to determine the vitality of dialectal division springs (1953). It is worth mentioning the contribution of work, cataloging the lexical diversity of spoken language in the country, seeking to provide, if possible, a current tracing the limits of Brazilian dialects, although it is an arduous task, but that is being pursued by the Brazilian dialectologists.

KEYWORDS: dialectal areas; games and activities; lexicon.

¹ Professor da Faculdade Montessoriano (FAMA) e da Faculdade Regional da Bahia (UNIRB). Mestre em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura PPGLinC) – UFBA. santosleo1811@gmail.com



1 Introdução

O artigo apresenta uma análise sobre a proposta de divisão dialetal do Brasil de Nascentes (1953), a partir dos resultados obtidos para a pergunta “Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34) pertencente ao Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Para o intento, optou-se por fazer um cotejo com estudos que utilizaram a mesma pergunta, a fim de verificar a vitalidade da referida proposta, embora em áreas diferentes, a saber: Ribeiro (2012) – Falar Baiano; Portilho (2013) – Falar Amazônico e, por fim, Santos (2016) – Falar Fluminense.

Objetiva-se oferecer aos dialetólogos brasileiros algumas notícias sobre a atualidade da proposta de divisão dos falares brasileiros, estabelecida por Nascentes (1953), no que tange à delimitação dos falares. Para tal, este estudo vincula-se aos princípios da Dialetologia Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana, pois acredita-se que a língua é sucessível à variação e à mudança, portanto, entende-se que tais processos não aleatórios, mas são condicionados aos fatores intra e extra linguísticos, de modo ordenado.

O estudo proposto justifica-se pela necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre áreas dialetais brasileiras, sobretudo no tocante às áreas investigadas, por meio do reconhecimento e caracterização, e por fornecer aos pesquisadores de várias áreas do saber informações linguísticas e sociais, além de oferecer materiais para o aprimoramento dos livros didáticos e para o tratamento da variação e mudança linguística no ambiente escolar.

Inserido no âmbito das pesquisas desenvolvidas a partir do banco de dados do ALiB, considerando a riqueza infindável do léxico e as influências diversas, sobretudo históricas, que, de certo modo, moldam essa constituição do arsenal linguístico disponível em solo brasileiro.

Destaca-se que, a fim de cumprir os intentos desse estudo, reconhece-se, de fato, a pluralidade do Português Brasileiro, sobretudo quando se observa o contexto em que

foi disseminada e implantada a língua portuguesa. Desse modo, as considerações trazidas neste estudo são elementares, cabendo estudos mais aprofundados para explicitar a atual faceta dialetal brasileira.

2 Panorama histórico sobre áreas dialetais do Brasil

No âmbito da Geolinguística Brasileira, contam-se várias propostas de divisão dialetal, estudos importantes e que deram subsídios para a divisão a qual é estudada até os dias atuais, em 1953, de autoria de Antenor Nascentes. No entanto, antes da referida proposição, Nascentes (1953) examina as outras propostas de divisão e as descarta, como pode ser visto no detalhamento que a seguir se expõe:

a) Divisão dialetal proposta por Júlio Ribeiro, em 1881.

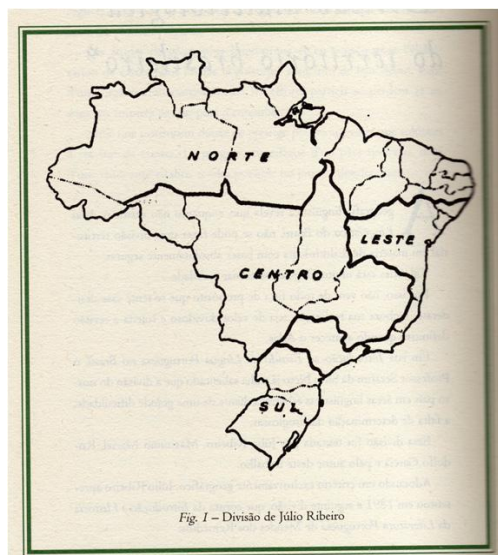


Figura 1 – Divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1891)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p.692)

Estabelecendo um único critério, o geográfico, Ribeiro (1881) separou o território brasileiro em quatro grandes áreas: Norte; Leste; Centro e Sul. Nascentes considerou a proposta defeituosa, pois, segundo ele, existem alguns equívocos como, por exemplo, “[...] junta o Norte com o Nordeste... separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; coloca o Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia...” (NASCENTES, 1953, p. 21) dentre outros.

b) Divisão dialetal proposta por Maximino Maciel, em 1950.

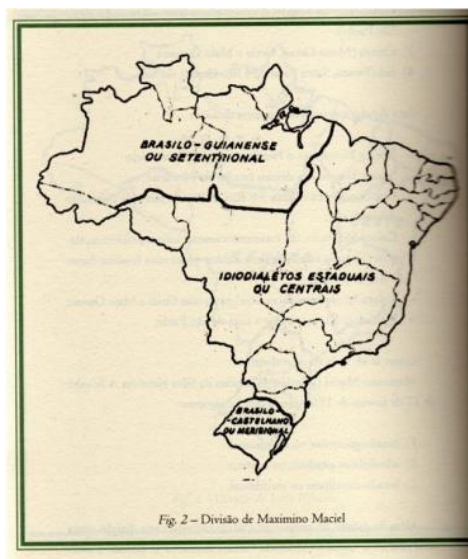


Figura 2 – Divisão dialetal de Maximino Maciel (1950)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 694).

Baseada no aspecto geográfico, Maciel (1950) apresenta uma divisão tripartida: basilo-guianense ou setentrional; idiodialetos estaduais ou centrais e basilo-castelhana ou meridional. Nascentes avaliou a proposta e identificou problemas, pois, além do exclusivo fundamento geográfico, o autor aponta que:

[...] A língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; que serão idiodialetos? A influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar. (NASCENTES, 1953, p. 21)

c) Divisão dialetal proposta por João Ribeiro, o historiador.

Na obra *História do Brasil*, sem data, João Ribeiro propõe que a seguinte divisão: o extremo norte – Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceará; o norte – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; o centro – Sergipe, Bahia, Ilhéus, e Porto Seguro; o interior – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; o sul – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Portanto, possui 5 grupos. (NASCENTES, 1953, p. 23). Nascentes considera válida a proposta, pois foi pautada

em critérios históricos, contudo ele apresenta e discute outra proposta de divisão dialetal.

d) Divisão dialetal proposta por Rodolfo Garcia, em 1915.

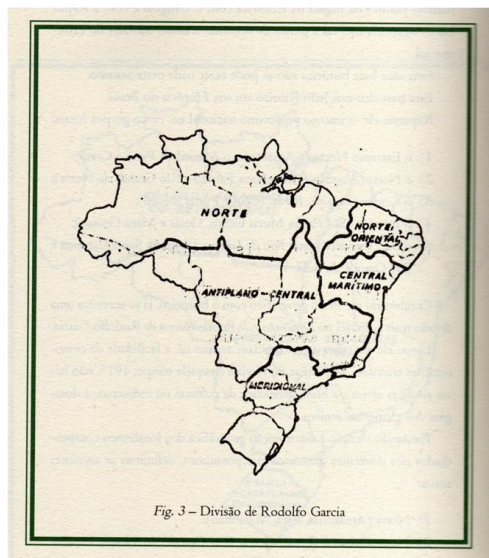


Figura 3 – Divisão dialetal de Rodolfo Garcia (1915)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 696).

A proposta de Rodolfo Garcia (1915) leva em consideração os aspectos geográficos e históricos, além da continuidade territorial, os aspectos culturais semelhantes e diferentes, a facilidade de comunicações terrestres, marítimas e fluviais, e, por fim, os glossários com expressões locais. O referido autor organiza o país em cinco zonas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional e altiplana-central. Conforme Nascentes (1953), *é uma divisão mais aceitável*, mas mesmo assim, o autor aponta vários defeitos como, por exemplo:

[...] Coloca o Maranhão na zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste; Coloca o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-marítima; Coloca Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p. 21)

e) **Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1922.**

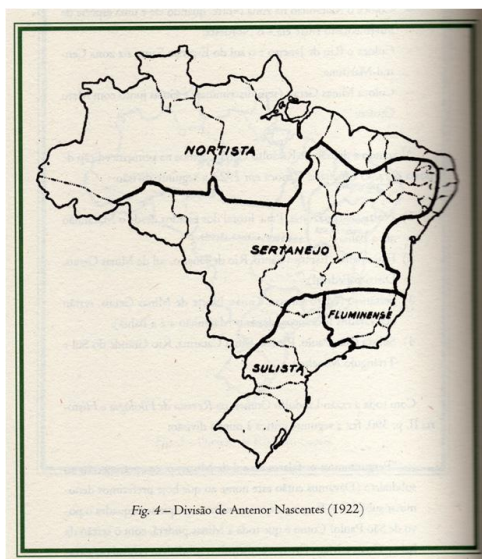


Figura 4 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 698).

Levando em consideração a divisão de Rodolfo Garcia, na obra *O Linguajar Carioca em 1922*, Antenor Nascentes apresenta uma proposta, divide o Brasil em: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista. A proposta de Nascentes também recebe críticas de geógrafos e historiadores, as quais ele as considera, por vezes, as refuta. Após acatar as ponderações feitas por Lindolfo Gomes, em 1933, Nascentes decide reorganizar a divisão, desse modo, propondo uma nova divisão dialetal.

Assim sendo, destaca-se a proposta de divisão dialetal do referido autor, em 1922, reelaborada em 1953, publicada na obra *O linguajar carioca*, a saber:

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25)

Tal divisão foi baseada em dois fatos linguísticos, embora a pesquisa tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta que vem sendo alvo de estudos críticos pelos pesquisadores brasileiros, conforme figura 5:

f) Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1953.

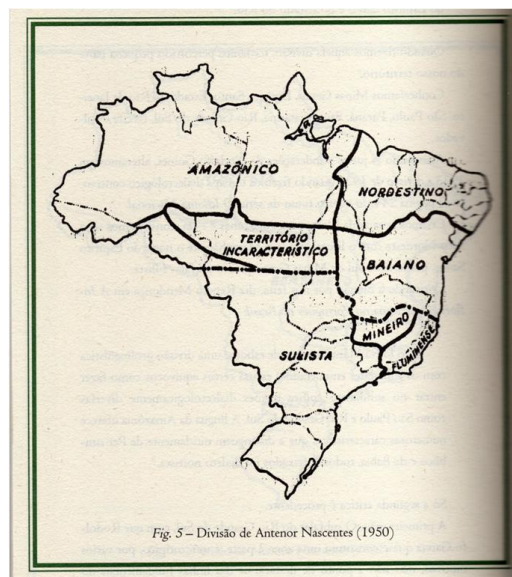


Figura 5 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

Com base na cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, Nascentes (1953) divide o Brasil em dois grupos – os falares do Norte e os falares do Sul – que foram subdivididos em seis subfalares – Amazônico e Nordestino, compondo os do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além disso, um território que nomeou de incharacterístico. A divisão de Nascentes (1953) tornou-se referência basilar para inúmeros estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, com os mais diversos interesses, mas, sobretudo, “pela delimitação de áreas dialetais.” (MOTA, 2006, p.321).

Acredita-se que há necessidade de uma nova proposição, porém com base em dados empíricos, é o que vem sendo alvo de pesquisa da Dialetologia no Brasil, pois:

[...] passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil. (RIBEIRO, 2012, p. 79)

Citem-se, com isso, trabalhos que aludem às áreas dialetais brasileiras. É salutar trazer as considerações feitas por Zágari (2005), pois, contrariando as ideias de Nascentes (1953), com base na pesquisa empreendida para elaboração do EALMG, o autor estabelece três falares em Minas Gerais – baiano; paulista e mineiro, conforme figura 6.

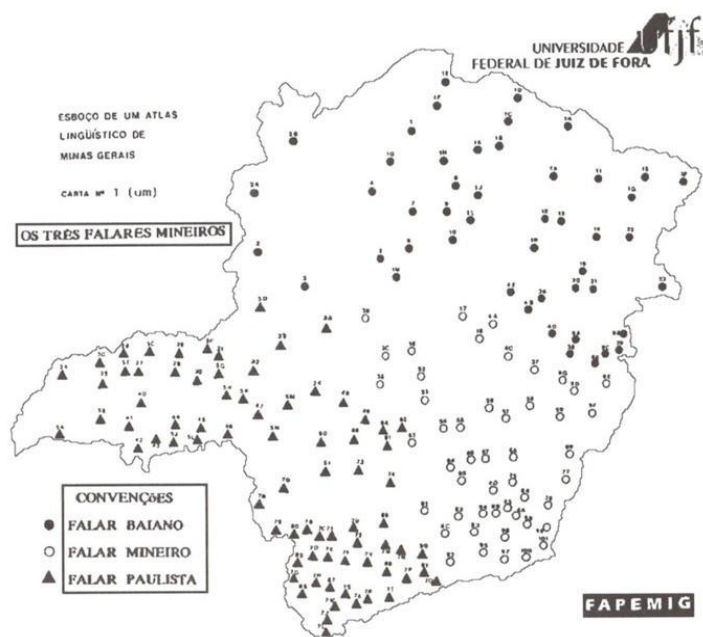


Figura 6 – Divisão dialetal de Minas Gerais
 Fonte: ZÁGARI (2005, p. 64)

Prosseguindo nos estudos sobre a temática, destaca-se outro trabalho – Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos – de Renato Pereira Aurélio, dissertação defendida em 2012, na Universidade Federal do Espírito Santo. O referido autor analisa oito pares de cartas lexicais dos dois atlas, APFB e ALES, tentando estabelecer os caminhos das palavras. Assim, conseguiu desmitificar que os capixabas carecem de uma identidade linguística, afirmando que a diversidade cultural é propiciadora da riqueza linguística do Espírito Santo. Sobre as divisões feitas por Nascentes (1953) e Zágari (2005), o autor advoga que: interferências linguísticas do estado baiano sobre o estado capixaba, Aurélio (2012):

Com relação à classificação de Nascentes (1953) sobre os dialetos brasileiros, apesar de ser confirmada em muitos estudos, demanda análises mais

profundas em cada região, com dados representativos de todo território brasileiro (ALTENHOFEN, 2002), a fim de se comprovar o estudo. É o caso do Espírito Santo, classificado apenas no subfalar carioca [...] Considerando-se a hipótese levantada a partir do estudo feito por Zágari (2005), em Minas Gerais, em que o autor identifica área do subfalar baiano, é possível dizer que no Espírito Santo ocorre processo semelhante...(AURÉLIO, 2012, p.118-119)

Persistindo nos trabalhos que aludem aos limites dos falares brasileiros, cita-se a pesquisa realizada por Ribeiro (2012). Em sua tese de doutoramento, a referida autora se propôs a estudar a vitalidade do falar Baiano, utilizando as elocuições de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes à área escolhida e áreas limítrofes, as quais foram nomeadas como área de controle – que compreende 11 estados, distribuídos em quatro regiões país. Para tal, foram utilizadas as 13 questões do campo semântico jogos e diversões infantis do Questionário Semântico-Lexical, conforme detalhamento a seguir:

- ✓ 155 – Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (*Mímica*).
- ✓ 156 – Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
- ✓ 157 – Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho? (*Mostrar gravura*).
- ✓ 158 – Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
- ✓ 159 – É um brinquedo parecido com o ____ (*cf. item 158*) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
- ✓ 160 – Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
- ✓ 161 – Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
- ✓ 162 – Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
- ✓ 163 – Como se chama esse ponto combinado?
- ✓ 164 – Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás

de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

- ✓ 165 – Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*).
- ✓ 166 – Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*).
- ✓ 167 – Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Portilho (2013), ao selecionar o mesmo campo temático investigado por Ribeiro (2012), por meio da pesquisa de mestrado, busca atestar a vitalidade de outra área dialetal, o Falar Amazônico. Para a pesquisa, foram escolhidas 20 localidades, pertencentes à área geográfica em análise, adicionadas a seis localidades que compõem os pontos de controle². A autora privilegia duas abordagens: a diatópica e a léxico-semântica.³

Cita-se, ainda, neste contexto, a dissertação de Santos (2016) que teve a mesma linha de abordagem que Ribeiro (2012) e Portilho (2013), o mesmo campo semântico, jogos e diversões infantis, com o objetivo de testar a área denominada como o Falar Fluminense, intitulada Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense. Foram utilizadas as elocuições de 152 informantes, oriundos das 35 localidades. A área denominada como Falar Fluminense por Nascentes (1953) abrange, em maior parte, a região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro; cinco localidades pertencentes ao Espírito Santo; e, por fim, sete localidades pertencentes a Minas Gerais.

Neste trabalho, optou-se por destacar os trabalhos que focalizaram o léxico, com o objetivo de fornecer subsídios para o (re) conhecimento sobre áreas dialetais

² Portilho (2013) adota o mesmo critério definido por Ribeiro (2012), ao estabelecer “área de controle”.

³ Vale destacar a tese de Romano (2015), que também utilizou os dados do ALiB, a fim de testar os limites do Falar Sulista, utilizando questões diversas do Questionário do ALiB.



brasileiras, utilizando os dados do Projeto ALiB, em especial, àqueles que examinaram a questão 161 do QSL, pertencente ao campo semântico jogos e diversões infantis⁴.

3 Materiais utilizados e Análise de dados

Os dados, para este estudo, foram extraídos das cartas lexicais produzidas pelos respectivos trabalhos dos já mencionados pesquisadores do ALiB, Ribeiro (2012), Portilho (2013) e, por fim, Santos (2016), os quais utilizaram o campo semântico dos jogos e diversões infantis, em especial, a questão analisada neste estudo, 158 do QSL, “Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34). Em seguida, foi feito o levantamento dos itens lexicais que nomeiam a brincadeira em questão, fazendo um cotejo entre os itens encontrados em cada área estudada e se tais itens são reveladores de aspectos dialetais.

Vale mencionar que tais estudos utilizaram o banco de dados do ALiB, com base nos princípios fundamentais da Geolinguística contemporânea. Deste modo, os informantes estão estratificados e distribuídos equitativamente por a) duas faixas etárias — faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos) — b) pelos dois sexos, e de escolaridade — fundamental e universitário, sendo 08 informantes nas capitais e 04 informantes nas localidades interioranas, nativos das suas respectivas localidades.

Assim sendo, vale ressaltar que as entrevistas realizadas pela equipe do ALiB consistem na aplicação de questionários padrões, sistemáticos e uniformes, que estão reunidos no Questionário ALiB (2001), o qual é composto, após reformulações feitas do questionário de 1998, que serviu como um instrumento teste, por alguns subgrupos, a saber: QFF – Questionário Fonético-Fonológico (159 com mais 11 de prosódia); QSL – Questionário Semântico-Lexical (202); QMS – Questionário Morfossintático (49); QP –

⁴ Torna-se imprescindível destacar a importância dos estudos sobre o campo semântico dos jogos e diversões infantis do QSL – ALiB, pois eles podem fornecer um traçado dialetal do país, podendo confirmar as proposições de Nascentes (1953), na atualidade.

Questão de Pragmática (04); TDS – Temas para Discurso Semi-dirigido (04); PM – Perguntas Metalinguísticas (06); LE – Texto para Leitura (Parábola dos Sete Vimes / Texto adaptado).

Pelo estudo proposto por Ribeiro (2012), foram encontradas 425 ocorrências válidas, o que evidencia um índice alto de lexias para nomear o brinquedo, pois, somente, quatro respostas ficaram computadas para o grupo NS/NL/NO⁵. Nesse sentido, evidencia-se a produtividade da forma *pipa*, porque ela foi encontrada em 194 elocuições dos 244 informantes e está presente em todas as localidades. Outras formas foram registradas como, por exemplo: *arraia*, *papagaio*, *suru*, *sura*, *surucu*, *cuíca*, *curica*, *arara*, *balão*, *pião*, *peixinho*, *carambola* e *avião*, além das agrupadas em respostas únicas, conforme figura 8:

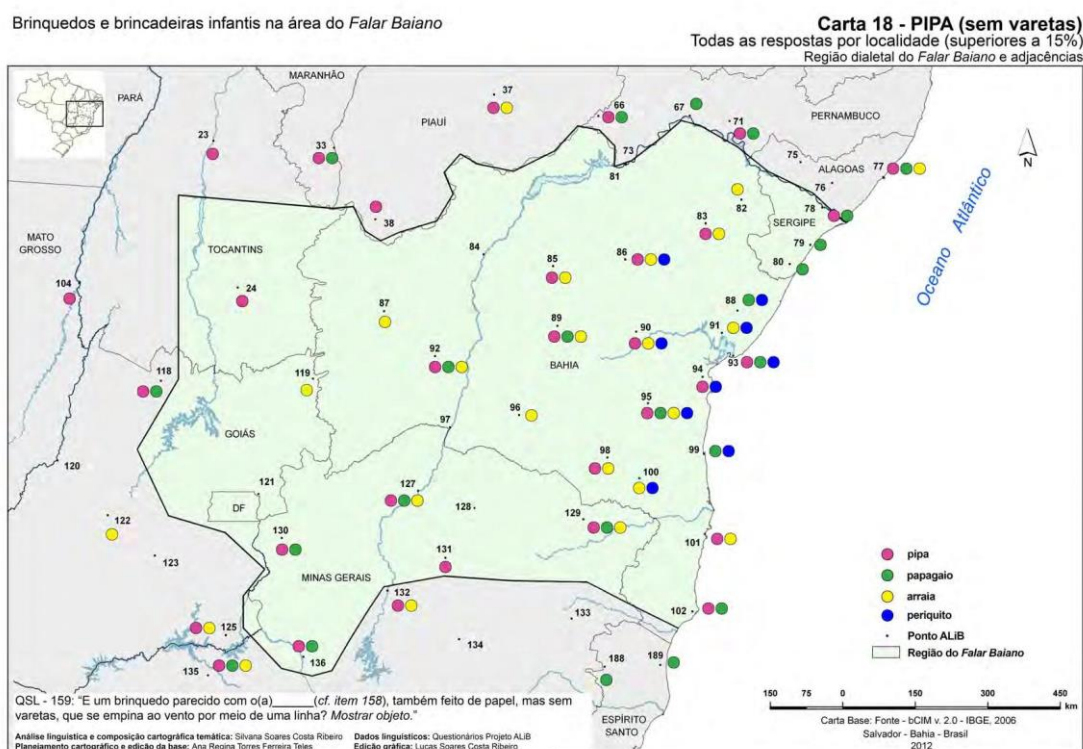


Figura 8 – Carta Pipa no Falar Baiano
Fonte: RIBEIRO (2012, p. 502)

⁵ Não sabe, Não Lembra, Não obtida.

Portilho (2013) aponta para a documentação de 11 denominações, tais como: *papagaio*, *pipa*, *rabiola*, *curica*, *pepeta*, *arraia*, *cangula*, *cometa*, *andorinha*, *casquetinho* e *carrapeta*. Ocorreram com a maior produtividade as formas *papagaio*, 54,5%, e *pipa*, 30,6%, que foi a segunda mais produtiva, assim, nota-se a presença de dois itens lexicais em competição, *papagaio* e *pipa* (PORTILHO, 2013, p. 94).

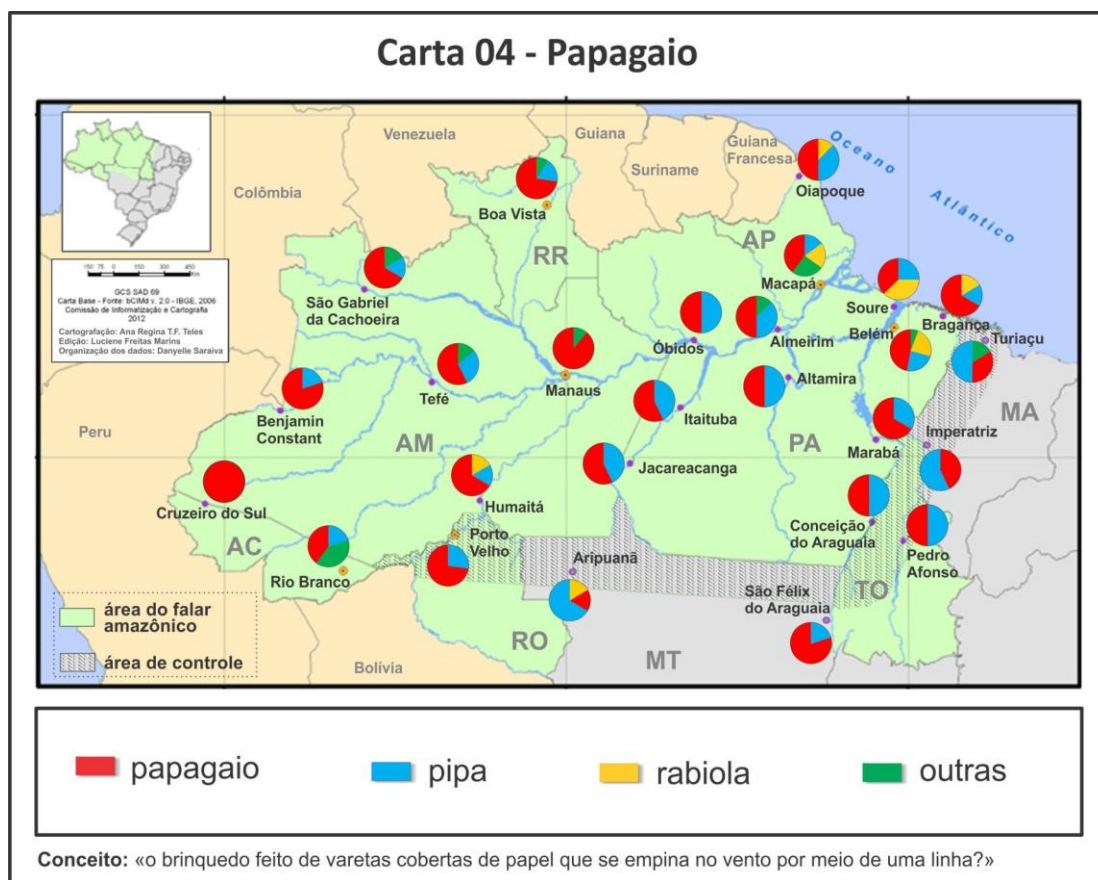


Figura 9: Carta Papagaio no Falar Amazônico
 Fonte: PORTILHO (2013, p. 93)

Em Santos (2016), conforme figura 10, nota-se que a forma lexical que mais ocorre é *pipa*, pois teve frequência de 58,2% do total de respostas válidas, obtendo em total absoluto 138 ocorrências. Portanto, é a forma mais conhecida e utilizada pelos informantes da área em estudo. Nota-se que a brinquedo também é conhecido pela forma *papagaio*, uma vez que ela representa um total absoluto de 64 ocorrências,

com frequência de 27%. Outras formas lexicais também foram documentadas, tais como: *arraia*, que obteve frequência de 5,9%; *cafifa*, com 2,1%; *jaú e pião*, com frequências de 1,3%, seguidas das formas *balão* e *papa-vento*, ambas com frequência de 0,8%.

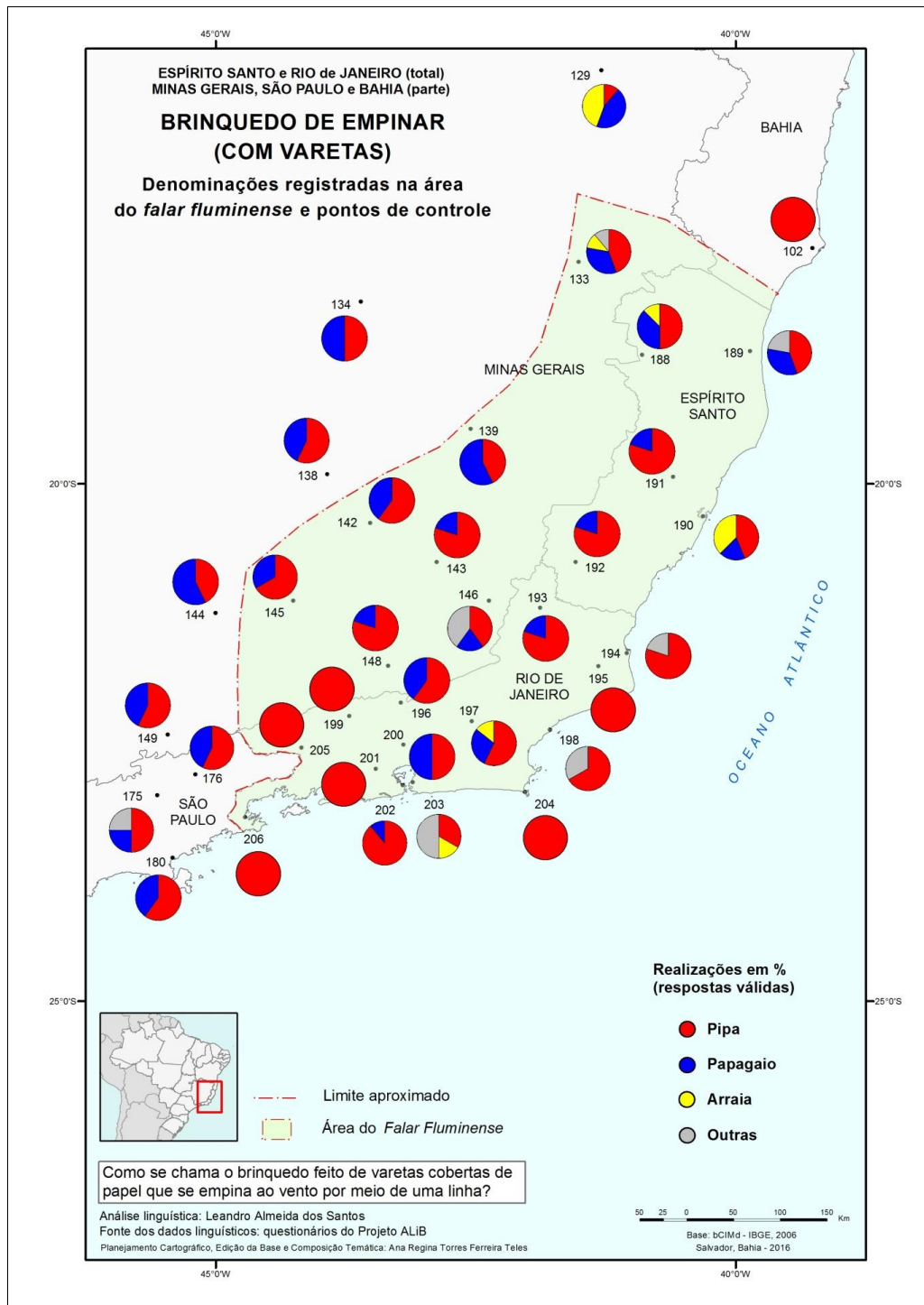


Figura 10: Carta Cobra-cega no Falar Fluminense
Fonte: SANTOS (2013, p. 124)

A partir dessas considerações, no cotejo entre os *subfalares baiano, amazônico e fluminense*, percebe-se uma maior convergência entre os subfalares do

sul, baiano e fluminense, nos quais a forma *pipa* foi a que apresentou maior vitalidade. O subfalar do *norte, amazônico*, como evidenciado, apresenta uma forma vital que difere *papagaio*.

Considerações finais

Este artigo buscou oferecer aos interessados no tema notícias atualizadas sobre a delimitação das fronteiras linguísticas dentro do território brasileiro, que vem sendo alvo de pesquisas por dialetólogos brasileiros, sobretudo com vistas a apuração das proposições feitas por Nascentes (1953), com base nas respostas fornecidas pelos informantes do Projeto ALiB para a pergunta: dialetal do Brasil de Nascentes (1953), a partir dos resultados obtidos para a pergunta “Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34).

A partir das análises empreendidas neste artigo, podem-se tecer algumas considerações, ainda que não definitivas sobre áreas dialetais brasileiras:

- a) *Pipa* é uma forma encontrada nos três falares (*Baiano, Amazônico e Fluminense*), difere-se, apenas, pela posição ocupada, mas figura-se, sempre, entre as três formas mais conhecidas e utilizadas para nomear o brinquedo com varetas;
- b) Os resultados mostram que, dentre as áreas analisadas, há um espaço comum entre os falares do Sul, ao passo que, no falar do Norte, há uma forma predominante, *papagaio*;
- c) Atualmente, o campo semântico jogos e diversões infantis vem sendo bastante utilizado para testar as fronteiras dialetais brasileiras. Logo, a partir do que foi exposto, tem-se um material consistente para a investigação dos limites linguísticos brasileiros, por meio desses itens que já estão disponíveis pelos trabalhos dos pesquisadores do Projeto ALiB.
- d) E o que há no céu dos falares *Baiano, Amazônico e Fluminense*? Um a



diversidade de maneiras para nomear o “...brinquedo feito de varetas que se empina ao vento...”

Ao tomar por base os dados do ALiB, pode-se, por meio das pesquisas empíricas, aventar uma nova divisão dialetal para o Brasil, uma vez que a língua muda e reflete os processos culturais, históricos e sociais dos seus utentes. Compreende-se, portanto, que a continuidade de tal investigação se faz necessária, sugerindo que outros campos semânticos sejam testados e/ou outro nível da língua seja alvo de pesquisa, de modo a possibilitar um maior entendimento dos falares das áreas investigadas.

Referências

- AURÉLIO, Renato Pereira. **Os falares da Bahia e do Espírito Santo**: implicações sob os aspectos dialetoológicos. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. illus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.
- MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: *Quinhentos anos de história Lingüística do Brasil*. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.
- NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953a.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953b.
- PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da



Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter. Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ZÁGARI, Mário Roberto. Lobo *et al.* **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais** - v. 1. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1. 244 p.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobo. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (org.). **A Geolingüística no Brasil** - trilhas seguidas, caminhos a percorrer. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016

Aprovado Para Publicação em 18 de maio de 2017.